



Balanço da oferta e da demanda no mundo

O segundo melhor ano para a produção de grãos foi 2005. Os estoques de soja chegaram no mais alto nível, e o de milho está muito bem adequado. Para os próximos meses, os custos de ambos os produtos estarão baixos. Já em médio prazo, enquanto a soja permanece estável, no milho poderá ocorrer alguma pressão de instabilidade e alta na cotação.

A sojicultura mostra desempenho favorável na América do Sul, combinado com generosas colheitas

nos Estados Unidos, que lideram as exportações mundiais. Uma menor produção em um dos hemisférios pode ser compensada com uma maior produção em outro, no decorrer de um semestre.

Para o milho, o contexto muda de figura. Se os EUA dominam o comércio global, o balanço de oferta e demanda na região do Corn Belt determina em grande dose os preços. Embora o foco das atenções se concentre nas condições climáticas, o crescimento da demanda de milho

tem sido um fator de influência crescente na formação do preço. Uma parte cada vez maior do cereal, que alcança o dobro da produção da Argentina, vai para a fabricação de etanol. Esse incremento na procura traz volatilidade nos preços do milho e atrapalha os planos da agroindústria avícola e suinícola.

EXCEDENTES

As diferentes estações de produção de soja entre os hemisférios norte e sul acarretam vantagens para as agroindústrias avícola e suinícola. Há um excedente de produto a cada seis meses. As duas regiões possuem as maiores participações mundiais no comércio de grãos e farelo.

No começo dos anos 90, enquanto o Brasil e a Argentina eram pequenos exportadores no complexo da soja, os EUA dominavam o mercado mundial. Mas a taxa de crescimento da produção na América do Sul cresceu de forma rápida. Nos últimos quatro anos, as exportações de grãos e farelos dos EUA permaneceram estáveis, em 35 milhões de toneladas, embora as da Argentina e do Brasil tenham mostrado um aumento de 48 milhões de toneladas para 72 milhões de toneladas.

O crescimento da sojicultura na América do Sul é uma boa notícia para os usuários do complexo da soja, porém, aumenta a importância dos EUA para a oferta do produto. Uma quebra de safra no hemisfério sul acarreta aumentos substanciais no preço. O mercado ainda não atingiu esse ponto. A colheita do hemisfério norte é ainda um bom contrapeso para a expansão da colheita no hemisfério sul. Apesar de as colheitas da Argentina e do Brasil estarem cada vez mais próximas, os EUA deverão liderar a produção por mais alguns anos.

Um dos melhores indicadores do comportamento futuro de preços nas commodities agrícolas são os estoques de passagem. No caso das oleaginosas, em que a soja detém a grande participação, os estoques permanecem estáveis nos últimos anos, com uma tênue baixa em 2004. Com

a recuperação das reservas e maiores colheitas na América do Sul, os preços podem cair um pouco e ficar relativamente estáveis.

OFERTA

A conjuntura para os grãos forrageiros, principalmente, milho e sorgo, difere da situação da soja. Apenas um país domina as exportações, e a tendência de longo prazo é de redução dos estoques. A produção da América do Sul ainda não possui escala para contrabalançar a colheita norte-americana. Nenhum outro competidor de peso ainda apareceu no leste da Europa, onde a Ucrânia poderá ser um futuro rival no segmento de exportação de milho.

A oferta de grãos forrageiros vinha caindo, tendo atingido um nível crítico em 2004. As colheitas recordes de milho nas últimas duas safras amenizaram o problema. De 1999 a 2004, os estoques de grãos forrageiros baixaram de 220 milhões de toneladas para 135 milhões de toneladas, para depois se recompor, chegando a 171 milhões de toneladas em 2005. As projeções para 2006 são de um volume em torno de 146 milhões de toneladas.

Um declínio nas reservas de grãos forrageiros para a próxima temporada é um sério alerta para uma provável retomada dos preços, principalmente, se a colheita norte-americana não repetir o ótimo desempenho das duas últimas safras. Não obstante a tendência de queda na oferta, as estimativas presentes para os preços são de baixa. O risco principal é de uma severa queda na produção.

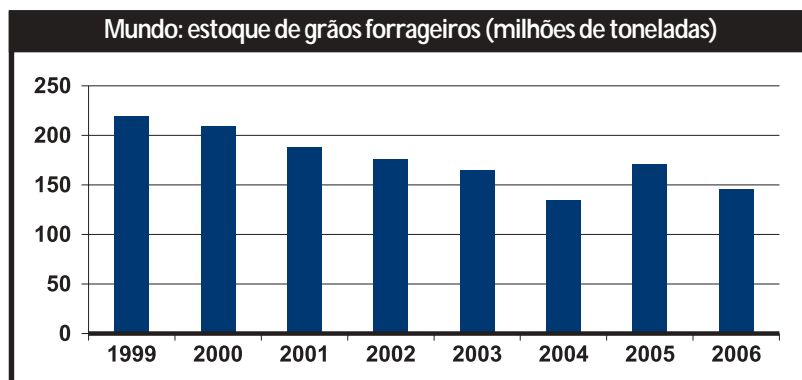
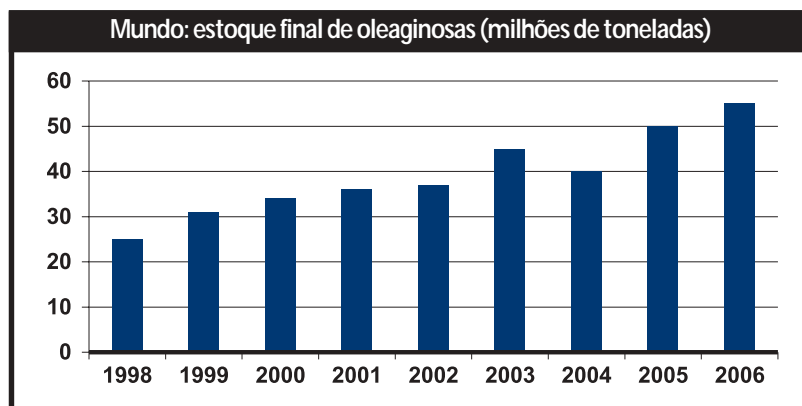
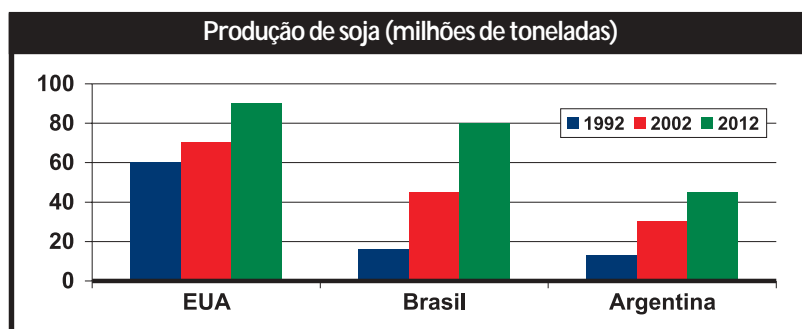
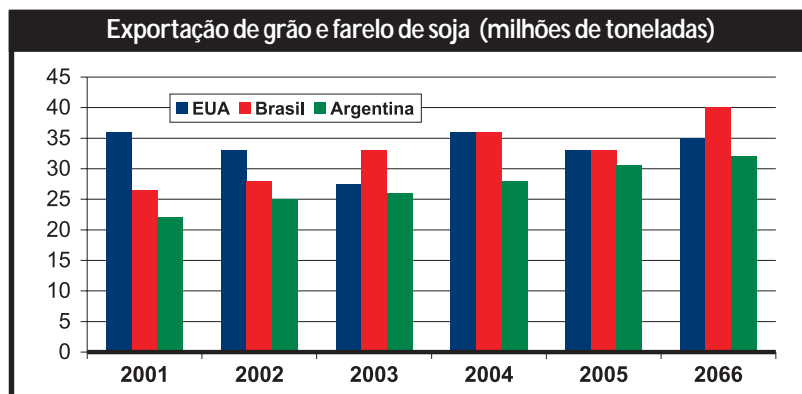
DISPONIBILIDADE

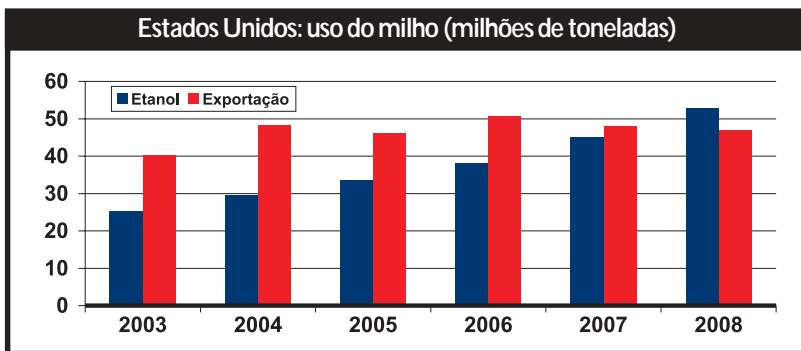
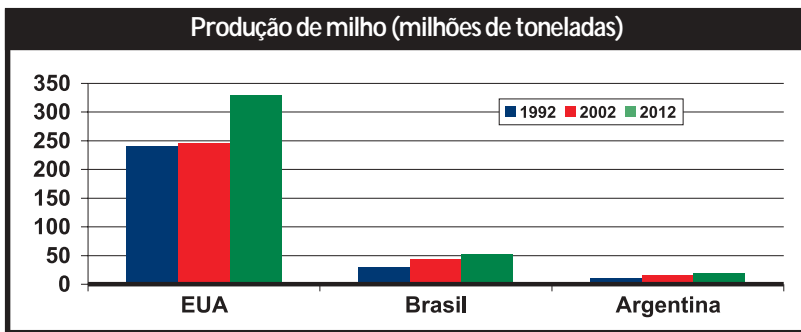
A produção na Argentina e no Brasil não oferece a disponibilidade mundial de milho. Com perspectiva de não sofrer alteração nos próximos anos, os Estados Unidos participam com 55% na colheita global de grãos forrageiros. A colheita do Meio-Oeste norte-americano é crucial para o equilíbrio da oferta e demanda. Uma fraca produção afetará de imediato os preços. Com a tendência de a América do

Sul ganhar mais força na sojicultura, uma troca de soja para milho faz parte do cenário norte-americano. Isso tornará o país mais importante ainda no milho.

Entre os fatores que podem influenciar os preços do milho, estão

o crescente uso do produto para a fabricação de etanol e o rápido declínio das exportações chinesas. Como se sabe, as usinas de etanol estão em célebre crescimento nos EUA. Uma vez que o produto é usado como combustível para ser mis-





turado com a gasolina, há o recebimento de subsídio para tornar economicamente viável a conversão do milho em etanol.

O processo de industrialização deixa 30% do seu peso original em grãos secos destilados. Se esse resíduo pode ser um substituto para o farelo de soja, o mesmo não sucede com o milho, pois a sua energia foi removida na fabricação do etanol.

ENERGIA

Usuários de milho revelam uma certa preocupação com o novo e massivo uso do cereal. Brevemente, nos EUA, a quantidade de milho utilizada no etanol excederá à quantidade exportada. Com a recente lei

de energia, aprovada em 2005, a produção de etanol poderá dobrar nos próximos cinco anos.

Como a produção de álcool representa mais energia interna, além de ser amigável do ponto de vista ambiental, sobra argumentos para justificar o aumento rápido no uso do milho. Não existe 'almoço de graça' quando a questão a ser tratada é a produção de etanol.

Há muita controvérsia em torno do custo da energia para produzir e transformar o milho em etanol. Muitos estudiosos argumentam que o etanol não é uma solução mágica para resolver o problema energético e pode não ser um bom negócio quando se analisam os seus usuários. O processo precisa ser subsidiado e

deve ser mais avaliado.

Face ao insaciável apetite norte-americano por gasolina e ao limite do seu tesouro para subsidiar o uso de milho para etanol, um aumento na demanda resultará em pressão nos preços do milho. A esperança é de que o desenvolvimento tecnológico venha proporcionar uma via para o uso de resíduos de culturas na fabricação do álcool. Nessas circunstâncias, os subsídios para produzir milho e etanol seriam desnecessários e se liberaria o grão necessário na energia dos automóveis para atender à alimentação humana e animal.

CHINA

Uma preocupação final a ser mencionada consiste no quadro de balanço de oferta e demanda da China, que, no milho, se move para ser importador e deixar de ser exportador. Internamente, o grão é remanejado para a região nordeste, mas falta o cereal em outras regiões. A saída é a importação. Se essa tendência se acentuar, haverá reflexos no preço do milho.

Uma boa expectativa para o milho é de que uma projeção de preços mais baixos, em longo prazo, força os produtores a adotarem mais tecnologia para conseguir ganhos de produtividade. Há muito espaço a ser conquistado nessa área. Muitos países, como a Ucrânia, estão bem aquém de seu potencial produtivo.

Em curto prazo, os preços do grão da soja deverão ficar fracos, face às grandes colheitas realizadas pelos EUA.

No farelo, haverá estabilidade de preços, em médio prazo, com oscilações de baixa e alta, devido a adversidades climáticas. Já o milho pode ter flutuação maior, com a maior demanda do cereal internamente para o etanol e externamente pela China. Possíveis respostas de produção em função dos sinais de preços emitidos pelo mercado parecem pouco prováveis. ■

ONDE SABER MAIS:
*Arbor Acres, Broiler Economics Bulletin
 Corn and Soybean Update 2005,
 outubro de 2005, Paul Ahro*